

LITERATURA PERIFÉRICA E SEU INTELECTUAL PRODUTOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Cleber José de Oliveira ¹

Resumo

A Literatura Periférica, Vira-lata, Marginal é uma manifestação quase que exclusivamente produzida por escritores oriundos de periferias urbanas dos grandes centros. Partindo desse pressuposto, o presente trabalho busca descortinar como se manifestam às relações de representação e auto-representação nessa forma de narrativa em detrimento ao modo de representação utilizada pelos modernistas. Entende-se aqui que essa nova manifestação literária colide com a chamada Tradição Modernista, onde autores como Graciliano Ramos, Clarice Lispector, João Cabral, Guimarães Rosa, entre outros, pertencentes a classes sociais altamente letradas produziram uma literatura que tomou para si a função de representar as classes marginalizadas (principalmente o nordestino, o sertanejo e o negro favelado). Fez isso por meio de um discurso alocado na boca de personagens subalternamente caracterizados (possivelmente uma consequência, pela não alfabetização logo o não letramento), como Fabiano, de *Vidas Secas* (1938); Macabéa, de *A Hora da Estrela* (1977); Severino, de *Morte e Vida Severina* (1955-6) e Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas* (1956). Com o espraiamento dessa tradição, a função que desempenhava seus intelectuais (o de representante das classes subalternas) fica vaga. Esse é o norteador da hipótese principal aqui levantada, a saber: essa função, que por muito tempo foi desempenhada pelos intelectuais modernista, é, agora, reivindicada e tomada por indivíduos oriundos das margens sociais (o intelectual marginal), porém com diferentes intenções.

Palavras-chave: Rap literário; contemporaneidade; intelectual periférico; representação; autorrepresentação.

Abstract

The Peripheral Literature, Rooster, Marginal is a manifestation almost exclusively produced by writers coming from urban peripheries of the great centers. Based on this assumption, the present work seeks to unveil how they manifest themselves to the relationships of representation and self-representation in this form of narrative rather than the mode of representation used by the modernists. It is understood here that this new literary manifestation collides with the so-called

¹ Doutorando pelo programa Poslit da Universidade de Brasília -UNB. Graduado e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Concentra pesquisa nas áreas Literatura e Cultura Brasileira Contemporânea: poéticas urbanas, rap, hip hop, marginalidades periféricas, fronteiras literárias, intelectual periférico; linguagens e discursos sociais.

Modernist Tradition, where authors such as Graciliano Ramos, Clarice Lispector, João Cabral, Guimarães Rosa, among others, belonged to highly literate social classes produced a literature that took the function of Represent the marginalized classes (mainly the northeastern, the sertanejo and the black favelado). He did this through a discourse in the mouth of subalternly characterized characters (possibly a consequence, by non-literacy as soon as non-literacy), as Fabiano of *Dry Lives* (1938); Macabéa, from *A Hora da Estrela* (1977); Severino, of *Death and Vida Severina* (1955-6) and Riobaldo, of *Grande Sertão: Veredas* (1956). With the spread of this tradition, the role played by its intellectuals (the representative of the subaltern classes) is vague. This is the guiding principle of the main hypothesis raised here, namely: this function, which for a long time was performed by the modernist intellectuals, is now claimed and taken by individuals from the social margins (the marginal intellectual), but with different intentions

Keywords: Literary Rap; Contemporaneity; Intellectual peripheral; representation; Self-representation.

É só regar os lírios do gueto que o Beethoven negro vem pra se mostrar
O Rappa

A contemporaneidade, inegavelmente, nos colocou diante de uma nova fórmula de se escrever literatura. Uma produção que não se restringe à narrativa de uma ficção, mas que esta emaranhada, consubstancia no enigmático e, tantas vezes perverso, rude, desumano universo que a legitima. Uma produção que (de)marca um – novo *lócus* literário – um efeito colateral de um sistema elitista e opressor. Uma produção de origem complexa amparada em uma circunstância social, econômica e política que que coloca em xeque muitas das teorias abordadas pelos estudos da Teoria Literária.

Então, para compreender melhor o surgimento e o desenvolvimento disso que estou chamando *Literatura periférica*, é preciso ter claro que pré-existe uma tradição literária que por muito tempo tomou para si (no campo ficcional e/ou ideológico) a tarefa de enunciar os desejos, os sonhos, as angústias e as esperanças das classes subalternas. Esses enunciadores, dos desejos alheios, não raro, são romancistas, poetas, cronistas e letristas, oriundos de classes sociais totalmente opostas a daqueles que figuram como protagonista em suas narrativas.

No Brasil, isso se deu, principalmente, a partir do início do século XX, com o advento do Modernismo (1922-1960), o qual, entre outras, vinculou uma ideologia de valorização da cultura popular (Candido 2006; Bosi 2013) e consequentemente das camadas sociais marginalizadas. Entendendo com

Antônio Candido (2000), o Modernismo brasileiro, foi além de um movimento literário um movimento ideológico que buscou apresentar e valorizar a cultura popular nacional. É possível que justamente a segunda fase apresente em escala impar a ideologia Modernista apontada por pelo referido autor que os escritores estariam engajados em retratar o modo de vida do sertanejo retirante e de denunciar a ausência do Estado que não cumpre com seus deveres em relação a promover a acessibilidade consolidação da cidadania do povo brasileiro, aqui, em particular os nordestinos. É possível constatar isso já numa primeira leitura de VS.

A respeito disso, Candido nos informa ainda (2000, p.07) que:

A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: Um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa Semana da Arte Moderna, em 1922, e se ramificou depois pelo país, tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo. Correspondeu a ele uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava, sobretudo, orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor. Estes fatos tiveram o seu momento mais dinâmico e agressivo até mais ou menos 1930, abrindo-se a partir daí uma nova etapa de maturação, cujo término se tem localizado cada vez mais no ano de 1945.

De certa maneira, isso serviu para apresentar aos centros (São Paulo e Rio de Janeiro) as condições subumanas, principalmente no nordeste brasileiro, em que viviam uma grande parcela da população brasileira (e que infelizmente até hoje vivem). Obras como *O Quinze* (1930), de Raquel de Queirós; *Vidas Secas* (1938), de Graciliano; *Morte e Vida Severina* (1954-5), de João Cabral, para ficarmos em alguns exemplos, são emblemáticas para ilustrar o esquema literário que permeou grande parte da chamada literatura brasileira modernista – a saber – um escritor de classe média alta, altamente letrado, que fala, nestes casos, por um pobre não-alfabetizado consequentemente marginalizado que quase nunca figuram como prioridade nos planos do Estado.

O esquema de representar o marginal e sua condição como tema literário (aqui se deve entender como marginal: todo indivíduo e/ou comunidade que, de alguma forma, são subjugados socialmente devido à falta de letramento, de poder político, econômico) foi por muito tempo utilizado por vários intelectuais e, não raro, pelos intelectuais modernistas. Por mais que

essa representação embasada fosse por “boas intenções” no sentido de denunciar e criticar o tratamento que os representados recebiam (e recebem) do Estado e das camadas elitizadas, por outro lado, amordaçou e calou um desejo que por muito tempo tentou e tenta ecoar das bocas marginalizadas. Esse desejo é o de poder se auto-representar. De poder falar por si mesma. De firmar um *lôcus* de enunciação de onde se possa reivindicar os direitos que por lei são assegurados a todos os indivíduos de uma sociedade e, denunciar a falta desses direitos devido o descaso do Estado.

Possivelmente é em decorrência desse contexto que na contemporaneidade germina uma “nova” expressão literária que, a meu ver, tem como uma de suas principais características o deslocamento. Esse deslocamento pode ser visto sob dois aspectos principais – a saber – o primeiro é o deslocamento do discurso, que sai da hegemonia que por décadas foi dos centros para também manifestar-se com força das margens onde, até então, não havia uma voz ativa. O segundo aspecto do deslocamento é o da crise da representação que forjou nessas comunidades uma espécie de rejeição aos representantes externos, ou seja, os que não são delas oriundos. Dessa maneira, começam a se destacar vozes intelectualizadas das próprias camadas marginalizadas. Isso que estou chamando de vozes intelectualizadas deve ser entendido como sendo os indivíduos que em sua grande maioria são autodidatas principalmente na questão do letramento e oriundos de periferias marcadas pela violência e falta de ação do poder público. Exemplo disso são os escritores, grupos de rap e grafiteiros que surgem, sobretudo em São Paulo, questionando a ausência dos poderes públicos e denunciando a condição às vezes subumanas vividas nessas periferias.

Essa nova expressão literária autodenominada produzida nas últimas quatro décadas, não raro, está sempre em diálogo com o rap e o grafite, expressões originadas nos guetos das grandes metrópoles. É preciso dizer que essas manifestações culturais são exclusivamente de origem urbana e marginal. Mas classificar uma obra literária, o discurso literário, como periférica vai além disso, envolve compreender qual o elemento que determina sua classificação como tal: se é o modo alternativo de edição; se o estilo diferente dos moldes estabelecidos pela academia; se foi produzida por autores oriundos de grupos sociais marginalizados; ou então, devido ao fato da mesma retratar os lugares e territórios ditos marginais. Nesse sentido esta literatura diferencia-se daquela literatura produzida entre as décadas de 70 e 80, que ficou conhecida como poesia marginal. Pode-se dizer que nestas gerações não havia ou não era o foco principal de seus escritores (intelectuais) a preocupação com o deslocamento do discurso e a constituição de um *lôcus* de enunciação, até porque poucos escritores dessa época são oriundos das

favelas. Mas uma exceção existe, uma década antes nos anos 60, (pelo menos no que diz respeito a sua origem) é o caso de Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de despejo* (1960), livro que hoje desfruta do *status* de clássico. Carolina era favelada e semianalfabeta, porém em seu diário com uma escrita longe de ser acadêmica ou literária (isso nos padrões tradicionais) conseguiu configurar o sistema social de sua época e ser reconhecida ainda em vida como escritora. O reconhecimento (*status*) que *Quarto de despejo* alcançou entre grandes escritores como Clarice Lispector, certamente influenciou o bom aceite na academia, mesmo sob a categoria de escrita marginal, devido à origem de sua autora. Por outro lado, obras que foram publicadas entre a última década do século XX, e a primeira do século XXI, que ainda não trazem consigo a condição (*status*) de clássicos, muito menos a aprovação da grande maioria da academia sofre pré-conceitos e, talvez por isso ainda se vê parte da academia torcendo o nariz para obras como *Cidade de Deus* (2002), de Paulo Lins e para *Capão Pecado* (2000), *Cronista de um tempo ruim* (2009), *Literatura Marginal* (2005), de Ferréz. Isso é um fato lamentável se levarmos em conta que esse tipo de narrativa, como já disse anteriormente, é fruto do contexto sóciopolítico pelo qual passa nosso país.

Aqui, emprego o termo Literatura Marginal Contemporânea, às obras que estariam à margem do corredor comercial oficial de produção e divulgação – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumido nos moldes capitalistas – e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativas ao sistema editorial vigente. Os textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como nos casos das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro encontra-se ligado ao projeto intelectual de alguns escritores, oriundos da periferia, de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. Diferentemente daquela literatura produzida na segunda metade do século XX, também sob o rótulo de literatura marginal e que teve a poesia como o principal foco.

Trabalhando ainda sob o caráter de hipótese, essa expressão contemporânea da literatura marginal, se caracteriza por uma narrativa que oscila entre o testemunho e o ficcional, no sentido de que a vida se torna extensão do que se escreve. Assim a escrita está consubstanciada com a realidade quase sempre vista ou vivida pelo autor. Surge daí uma linguagem própria, a qual visa à consolidação de uma identidade própria, mais que isso, visa uma “tomada de posição” pelos indivíduos pertencentes às comunidades subalternas frente a um sistema que desde nossa colonização lhes impõe suas regras. Essa tomada de posição pode ser entendida como um elemento substancial de um projeto que transcende o literário e se vincula estreitamente

a expressões culturais de rua como o rap e a arte dos grafiteiros. Possivelmente isso é pensado num plano de firmar um *lócus* de enunciação onde os alguns membros da mesma comunidade se constituem como porta-vozes dos anseios e angústias dos que sempre foram silenciados e, que estão em sua grande maioria nas periferias, nos guetos e nas favelas do sistema social. Com isso, e não por acaso, cria-se uma rejeição a representantes e mediadores externos que quase sempre estão vinculados a outras ideologias.

Escritores como Ferréz e Paulo Lins podem ser vistos como artífices dessa expressão literária (Literatura Periférica). Seus textos estão ou querem estar comprometidos com aquela ideologia que tem como intuito principal à entrada das classes subalternas no terreno do letramento e conseqüentemente no da escrita literária, consolidando seu próprio *lócus* de enunciação, de onde falam e ouvem sua própria voz. Infelizmente no Brasil a acessibilidade ao mundo letrado sempre foi negada às classes que são vistas como subalternas, porém contemporaneamente com a democratização da educação e com o advento da Internet e outros meios de comunicação (mas ainda não a do livro, artigo de luxo no em nosso país) alguns desses indivíduos – a seu modo – se letraram. Munidos, agora, com a tecnologia da palavra os grupos marginalizados reclamam sua participação efetiva nas decisões sócio-políticas e a partir disso tentam se “emancipar intelectualmente”.

Essa emancipação se dá a partir do momento em que essas camadas, historicamente vistas como inferiores intelectualmente, perceberam que o baixo nível de letramento e produção intelectual em que estão inseridos é uma das maneiras usadas, em nosso país, para se operar a divisão de classes. Assim, assumir uma posição subversiva perante o Estado, assumir seu próprio discurso é, sobretudo, uma forma de demonstrar resistência a décadas de descaso. Essa consciência é reflexo e pode ser atribuída ao momento atual em que a sociedade brasileira está inserida, algo indefinido e confuso onde se cultua o consumismo desmedido, onde ocorre uma carnavalização generalizada da política, o descaso com a educação, com a cultura, a falta de respeito, ócio e paz. Um caos. É possivelmente por isso que os indivíduos sociais estão se agrupando, ou melhor, se organizando numa tentativa de (re) afirmar uma identidade social. Movidos talvez pelo “sentimento de pertença”. Entendo isso com Hall (2008), “o sentimento de pertencer” pode ser entendido como sendo parte integrante da identidade deste indivíduo, que se constitui de aspectos do “pertencimento a uma cultura marginal” de onde se é oriundo. Assim, o “sentimento de pertencer” é decorrente do sentimento de identidade, que satisfaz uma necessidade psicológica vital, criando uma sensação de conforto para os indivíduos. A partir desse pressuposto podemos entender o

porquê a *literatura marginal* está vinculada a termos como literatura de mutirão ou literatura de comunidade.

2. Intelectual periférico e discurso crítico: algumas considerações

Desde a segunda metade do século XIX, a figura do intelectual tem sido problematizada por muitos pesquisadores sob os mais variados enfoques. Atualmente, pode-se dizer que essa figura continua sendo de definição problemática e complexa. Todavia, há uma característica que permeia a grande maioria dos conceitos sobre o intelectual, a saber, a de que esta figura sempre esteve relacionada a ideias e a palavras, ferramentas essenciais para o desenvolvimento de sua atividade.

Um dos conceitos mais difundidos sobre o intelectual é o proposto por Antônio Gramsci, autor da clássica distinção entre intelectuais orgânicos e tradicionais. Para isso parte de uma afirmação genérica “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1982, p. 7). Segundo o autor, cada grupo social cria seus próprios intelectuais. Podem ser chamados de orgânicos os intelectuais que devem ser constituídos pela educação técnica e devem participar da vida prática como construtores e organizadores permanentes, conscientes de sua função. Gramsci entende ainda que os intelectuais orgânicos são indivíduos que se implicam ativamente na sociedade, lutando constantemente para modificar as mentes e suas realidades sociais ainda que isso ocorra de modo inconsciente. Enquanto que os intelectuais tradicionais se caracterizam por considerarem a si mesmos como autônomos e independentes do grupo social existente por conta de sua continuidade histórica. Enfatizando sua afirmação, a de que todo ser humano é dotado de uma “função” intelectual, Gramsci explica:

Quando se distingue entre intelectuais e não-intelectuais, faz-se referência, na realidade, tão-somente à imediata função social da categoria profissional dos intelectuais, isto é, leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica, se na elaboração intelectual ou se no esforço muscular-nervoso. Isto significa que, se se pode falar de intelectuais, é impossível falar de não-intelectuais, porque não existem não-intelectuais. Mas a própria relação entre o esforço de elaboração intelectual-cerebral e o esforço muscular-nervoso não é sempre igual; por isso, existem graus diversos de atividade específica intelectual. Não existe atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o homo *faber* do

homo *sapiens*. Em suma, todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um "filósofo", um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar.

E aponta ainda que, na modernidade:

O problema da criação de uma nova camada intelectual, portanto, consiste em elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento, modificando sua relação com o esforço muscular-nervoso no sentido de um novo equilíbrio e conseguindo-se que o próprio esforço muscular-nervoso, enquanto elemento de uma atividade prática geral, que inova continuamente o mundo físico e social, torne-se o fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. O tipo tradicional e vulgarizado do intelectual é fornecido pelo literato, pelo filósofo, pelo artista. Por isso, os jornalistas — que crêem ser literatos, filósofos, artistas — crêem também ser os "verdadeiros" intelectuais. No mundo moderno, a educação técnica, estreitamente ligada ao trabalho industrial, mesmo ao mais primitivo e desqualificado, deve constituir a base do novo tipo de intelectual (GRAMSCI, 1982, p. 7-8).

Na tentativa de descortinar algumas características do intelectual-escriptor que produz a narrativa marginal, tomemos como base o conceito de Edward Said (2005), sobre o que é um intelectual e qual o seu papel na sociedade (é preciso marcar aqui que Said pondera sobre um conceito de intelectual, digamos, universal; o conceito de intelectual marginal que levanto neste trabalho se desenvolve ainda a título de hipótese). Vejamos suas ponderações

O intelectual é um indivíduo com um papel público na sociedade [...] um ser dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para e também por um público. Esse papel encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja razão de ser é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete. Assim, o intelectual age com base em princípios universais: que todos os seres humanos têm direito de contar com os padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou das

nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas. (SAID, 2005, p.25-6, grifo meu)

Michel Foucault também discute o conceito de intelectual. Em *Microfísica do poder* (1979), há importante texto sobre o assunto. Nele, Foucault anuncia a necessidade de aparecimento de uma nova forma de posicionamento do intelectual: não mais como aquele que dizia a verdade aos que ainda não a viam e em nome dos que não podiam dizê-la. Mais do que um novo papel para o intelectual, trata-se de uma nova exigência, sob pena da figura do intelectual entrar em ocaso:

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade. Os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a "idéia" de que eles são agentes da "consciência" e do discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento; na ordem do saber, da "verdade", da "consciência" (FOUCAULT, 1979, p.71).

Beatriz Sarlo, com um olhar atento frente às constantes mudanças da figura do intelectual e do seu papel social na contemporaneidade, pondera:

Foram conselheiros de príncipes, de ditadores, de déspotas esclarecidos, de outros intelectuais convertidos em políticos, de políticos intelectuais e de políticos que tiveram pouco a ver com o mundo das idéias. Falaram ao Povo, à Nação, aos Desvalidos deste Mundo, às Raças oprimidas, às Minorias. Quando se dirigiram a tais interlocutores pensaram que estavam transferindo para eles uma verdade que tinham descoberto pelos próprios meios. Por isso, sentiram-se Representantes, homens e mulheres que tomavam a palavra em nome de outros homens e mulheres. E, por isso, acreditaram que essa representação, esse dizer, o que os outros não podem nem sabem dizer, era um de seus deveres: o dever do saber. Deviam então libertar os outros das travas que lhe impediam de pensar e agir; enquanto isso, enquanto essa nova consciência não se impusesse a seus futuros portadores, falaram em nome deles (SARLO, 2000, p. 160-1).

Para Sarlo, a contemporaneidade põe em crise o papel clássico do intelectual que ela mesma descreve no trecho acima. Sendo assim, na medida em que a contemporaneidade avançou sobre a sociedade com suas novas formas e fórmulas de relações sociais, foi abrindo espaço para o aparecimento de outros meios de intervenção na vida pública, principalmente, após o surgimento da chamada crise da representação. Com isso, o tipo clássico de intelectual, perde espaço e em parte o poder de falar em nome do outro, especialmente, pelas camadas que até então eram cerceadas de voz. Repetindo Foucault: “Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem” (FOUCAULT, 1979, p.71). A massa, o povo, não precisa deles para saber, não necessita deles para falar. Isso abriu caminho, sobretudo, para novos agentes sociais e para novas perspectivas de atuação na esfera socioeconômica. Os ideais do intelectual clássico foram colocados em cheque, por, dentre outros, não se realizar de fato após séculos de promessas. Diz Sarlo:

As sociedades que surgem da modernidade tardia (isso que chamamos taquigraficamente de “pós-modernidade”) estão longe de realizar um ideal igualitarista e democrático [...] Se nos países centrais a riqueza viabiliza políticas de compensação por parte do Estado, e os movimentos sociais aí intervêm na esfera pública, nos países periféricos a explosão do fim do século XX mostra, mais que a diversidade cultural e social, o intolerável contraste entre a miséria e a riqueza (SARLO, 2000, p. 164-5).

Para pensarmos com Foucault, e à luz do que diz Sarlo, parece que o próprio papel do intelectual parecia fazer parte do “sistema” de manutenção destes contrastes. Aquela figura responsável por representar os oprimidos era ele próprio, inconscientemente, instrumento de um sistema de manutenção da opressão. Foucault é um dos primeiros a denunciar isso – e, Sarlo, na esteira de pensadores como Foucault, acusa esse impasse.

Contudo, ela não abandona a crença na importância do intelectual. Para ela, na contemporaneidade surge a necessidade de se retomar algumas das funções que eram inerentes ao intelectual clássico (acredito eu que estas funções estejam ligadas ao posicionamento de confronto frente ao poder hegemônico por meio de um discurso crítico-subversivo), com mais ênfase e em bloco para que esta retomada não seja apenas uma voz que soa sozinha e sem eco no deserto da vida social contemporânea, diz ela:

A figura do intelectual (artista, filósofo, pensador), tal como criada na modernidade clássica, entrou em seu ocaso. Algumas das funções que essa figura considerava suas, porém, continuam a ser reclamadas por uma realidade que

mudou e que, portanto já não aceita legisladores nem profetas como guias, mas não tanto a ponto de tornar inútil o que foi o eixo da prática intelectual nos últimos dois séculos: a crítica daquilo que existe, o espírito livre e anticonformista, o destemor perante os poderosos, o sentido de solidariedade com as vítimas (SARLO, 2000, p. 165).

Tendo em vista as discussões até aqui apresentadas acerca das diversas correntes teóricas que refletiram sobre a figura do intelectual, chegamos a conclusão que elas, guardadas suas especificidades, comungam uma mesma visão, a saber: o intelectual é um indivíduo que deve se fazer presente na vida pública contestando, rebatendo, revidando, resistindo às formas de desigualdade e de injustiça. Atitude e postura que, atualmente, é vista por muitos como sendo algo que está na esfera da utopia.

De modo geral, as obras literárias marginais refletem, a seu modo, relações e procedimentos sociais da presente sociedade contemporânea. Mais que isso, são reflexos das mudanças sociais ocorridas em nosso país, no mínimo, nas últimas duas décadas, mas agora vistas por uma outra perspectiva a de um indivíduo nativo dos guetos, das favelas, o qual denomino de “intelectual marginal”. Suas narrativas se caracterizam por ser um híbrido quase sempre de relato e ficção, de experiências vividas, vistas e inventadas nos guetos suburbanos. Essa espécie (nova?) de intelectual tomou de assalto o acesso à alfabetização e ao letramento que sempre lhe foi, de uma forma ou de outra, negado. Faz-se necessário, aqui o seguinte questionamento: será que juntamente com o assalto a alfabetização e ao letramento veio também a tomada de consciência no sentido de assumir a função de representante e porta-voz de sua comunidade?

Pode-se dizer que diferentemente dos intelectuais inserido no projeto modernista de nação (esse projeto foi uma tentativa de atenuação das diferenças sociais e culturais e de aproximação entre povo e elite), o intelectual marginal caracteriza-se justamente pela descrença nesse projeto e em outros semelhantes, pois perante a realidade que o cerca (e a todos nós também): capitalismo doentio, a falta de paz e a vida mecanizada, já não acredita em uma coesão social entre elite e favela, nem em qualquer utopia equivalente. Esta descrença se dá também pelo motivo de a vida contemporânea ter trazido consigo uma espécie de distanciamento e esfriamento nas relações humanas. Faz-se necessário um outro questionamento Ferréz pode ser caracterizado como um intelectual? Tendo em vista o conceito de intelectual, ainda que clássico, apresentado por Said, pode-se dizer que Ferréz apresenta algumas características desse conceito, pelo menos no que diz respeito ao ser público e defender causas populares. Mas, não há como desvinculá-lo de outras duas características à sua origem e aos temas de suas narrativas. Isso o faz ganhar

na condição de intelectual um adjetivo – marginal. No entanto, para afirmar com autoridade que este escritor é ou não um intelectual marginal é preciso que se faça uma análise mais aprofundada em seus textos justamente no sentido de descortinar as ideologias ali inseridas e se realmente este autor se configura como representante e/ou porta-voz de sua comunidade e se reconhece como sendo um intelectual marginal. Vejamos o texto a seguir, intitulado “Rio de Sangue”

Fique a vontade para entrar no mundo adulto da violência gratuita, do grande plano de manipulação que joga contra o revoltado e tão cansado povo brasileiro, da covardia sem limites, do esfacelamento de famílias, do rio de sangue temperado com baixa estima, e das vielas cheias de corpos cansados demais para entender a difícil engrenagem de uma sociedade fantoche [...] não culpai meu pai esse povo que não sabe votar [...] a verdade é que o Estado está organizado para não deixar que a elite perca poder econômico e político, estão todos preparados para boicotar qualquer tentativa de crescimento da classe tida por eles como mais baixa, que na real somos nós. (FERRÉZ, 2005, p.57)

O discurso é de uma “realidade” marcante. Em termos literários marcada por uma certa rebeldia que se manifesta sobretudo no teor “sujo” de sua linguagem, repleta de gírias, revolta e denuncia. Na qual o narrador convida o leitor a conhecer o seu mundo e os seus. Tenta deixar claro que não é alguém tão alienado quanto os outros (essa é uma característica do conceito de intelectual proposto por Sartre a da não alienação), isso fica evidente quando reconhece que a grande maioria dos seus não entendem o funcionamento da máquina social em que estão inseridos “vuelas cheias de corpos cansados demais para entender a difícil engrenagem de uma sociedade fantoche”. Compreende que eles não são culpados pelo caos instalado “não culpai meu pai esse povo que não sabe votar”. Assim, tenta evidenciar a alienação em que estão mergulhados e ao mesmo tempo a ingenuidade e carência e o descaso com que são tratados por parte do sistema a que pertence. Demonstra sua capacidade de construir o próprio pensamento, por meio de um discurso forte e realista, consolidando assim a autoridade de se auto-representar. O posicionamento crítico assumido pelo autor e a sua busca pelo poder de se auto-representar, de não mais ser representado, e representar os seus, vem ao encontro das ponderações feitas por Said anteriormente sobre o papel do intelectual contemporâneo.

Sobretudo, nesse momento é preciso marcar em qual contexto Ferréz desempenha esse papel. Para isso, continuemos no fluxo da análise, a partir de um outro trecho

Eu quero ter o belo prazer subversivo de escrever minha literatura marginal, eu quero ser preso, mas por porte ilegal de inteligência, antigamente quilombos hoje periferia, o zumbi zumbizando a elite mesquinha, Záfria Brasil um só por todos nós, somos monjolos, somos branquindiafros, somos Clãnordestino, a peste negra, somos Racionais, somos Negro Drama, e minha posse é mente zulu (FERRÉZ, 2005, p.57)

Neste trecho, o autor se reconhece como escritor de literatura marginal. Tem a consciência que a inteligência (possivelmente alcançada por seu nível elevado de letramento em relação a grande maioria de sua comunidade) para sujeitos oriundos de favelas, é um crime aos olhos da elite. Promove comparações nas quais sugere que no sistema social brasileiro tudo continua igual (isso em relação ao lugar histórico do subalterno) apesar de serem chamados por nomes diferentes “antigamente quilombo hoje periferia”. Na mesma medida, igual também permanece o pensamento subversivo, em relação ao discurso de poder das elites, e a força de resistência desse indivíduo, porém agora com a mesma arma do opressor a inteligência e a palavra escrita – a literatura – “eu quero ter o belo prazer subversivo de escrever minha literatura marginal, eu quero ser preso, mas por porte ilegal de inteligência”, com isso fortalece a inversão das relações de poder, a margem figura no centro e não mais centro margem.

[...] Os tidos revolucionários que conheci, se deram bem resolveram seus problemas, alguns até foram eleitos, falam nos palanques com mais energia, e citam exemplos de sofrimento que eu mesmo passo todos os dias [...] Não temos medo nem raiva do poder, mas temos nojo "dessa" forma de poder, a forma que o jeitinho brasileiro consagrou e hoje faz milhões de pessoas chorarem lágrimas de sangue [...] não é pelas mortes de pobres nos morros que a elite ta reclamando, que as apresentadoras loiras tão chorando, não é pelo preto, nem pelo pobre, é por seus próprios rabos, a coisa desceu pro asfalto, o sangue chegou perto, quantos avisos, quantos pedidos de socorro, mas a criança cresceu, sem nada, nada. (FERRÉZ, 2005, 57-8. grifo meu)

Como evidenciado posteriormente, e pode ser visto nesse trecho esse tipo de narrativa se caracteriza por um esforço, por parte de Ferréz, para demonstrar que ela (a narrativa) se desenvolve na substância da experiência vivida, vide grifo. Nesse sentido, pode-se dizer que este indivíduo, apesar de oprimido e subalterno, fala por si e pela comunidade a que pertence isso se evidencia quando afirma “Não temos medo nem raiva do poder, mas temos nojo dessa forma de poder” (FERRÉZ, 2005). Note-se o emprego do plural. Logo adiante tece uma forte crítica aos discursos dissimulados e vazios vinculados por apresentadores, principalmente, de tv. Constata ainda que

fazem isso não por empatia aos despossuídos e favelados, mas sim por espécie de autoproteção, por medo.

Tudo isso se constrói na tentativa de combater, as relações sociais verticalizadas impostas pelas elites dominantes detentoras dos meios de produção e informação. De subverter o discurso do poder. De se colocar como sujeito enunciador capaz de fazer escolhas, que não raro culminam na descentralização do discurso. Evidencia o deslocamento do discurso que agora ecoa também da margem para o centro. Esse fenômeno só se desenvolve porque encontra o ambiente propício o pós-modernismo, que se caracteriza pelas transformações que ocorreram na vida social brasileira nos últimos 40 anos.

Agora, pensando sobre a condição da grande maioria das pessoas que vivem nas periferias de onde surgiram escritores como Ferréz, Paulo Lins e Carolina Maria de Jesus (que podem ser vistos como exceção, no que diz respeito à condição de escritor), é sabido que estas comunidades vivem cotidianamente uma realidade cercada pela violência, falta de perspectiva, pelo descaso do Estado, da sociedade e, principalmente, pela falta de alfabetização e de letramento. Desse pressuposto, surge uma inquietação de extrema relevância e que me faz perpetrar o seguinte questionamento: para quem Ferréz escreve? Quem é seu público leitor? Já que nessas comunidades os índices de alfabetização são baixos e conseqüentemente os de leitura. De certo modo isso revela, em termos gerais, a própria condição do Brasil em comparação a outros países sul-americanos como a Argentina e o Chile. Difícil responder essa questão sem ter em mãos dados mais concretos, no entanto, pode-se dizer que Ferréz está, ou quer estar, entre a favela e a comunidade letrada. Exemplo disso, são suas ações de incentivo à leitura e ao letramento desenvolvidas em sua comunidade e também suas participações em eventos que reuni pessoas altamente letradas e que são expoentes da literatura brasileira e mundial, como a FLIP.

Considerações finais

As ponderações feitas ao longo desse artigo se desenvolveram no sentido de lançar luz sobre os discursos de representação e autorrepresentação nas narrativas modernistas e nessa nova expressão literária chamada *literatura periférica*. Além disso, expus a partir da análise textual que Ferréz possui algumas características que o configura como sendo um intelectual periférico devido sua origem e o seu lócus enunciativo. Entrevi também aspectos da chamada literatura marginal surgida nos anos 70 em relação à literatura periférica contemporânea. Uma continuidade entre ambas se deu no sentido de que ambas estão fora dos grandes circuitos editoriais.

Uma descontinuidade que se evidenciou foi que há um maior engajamento por parte dos escritores intelectuais de *literatura periférica contemporânea* num projeto ideológico que busca por meio do mutirão a afirmação de sua identidade social (entenda-se mutirão como sendo o esforço comum entre escritores, poetas-MCs e grafiteiros de comunidades de periferia em prol de um mesmo ideal).

Não raro, em tempos como este em que vivemos, veremos cada vez mais discursos engajados e manifestações de cunho sócio-político promovidas por comunidades que historicamente foram e são cerceadas de seus direitos básicos como educação e trabalho, à cidadania plena. Assim sendo, produzirão, a seu modo, porta-vozes, representantes e mediadores que estejam engajados com suas causas. Desse modo, acredito que a figura do intelectual periférico se fortalecerá, desde que, não se torne este um manipulador ou carrasco de sua própria comunidade.

Por fim, a título de pesquisa é preciso que se olhe com mais atenção para essa manifestação literária, por isso artística, que apresenta a capacidade de quebrar paradigmas tanto no campo social como no intelectual; pois já não dá mais para ignorarmos a existência desse *lôcus*, nem tapar os ouvidos para o brado que ecoa do mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da língua**. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 49 ed. São Paulo: Cultrix 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro sobre Azul, 2009.
- _____. **A Revolução de 1930 e a Cultura**. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela Noite e Outros Ensaios**. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. **Ficção e confissão: Ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3 ed. Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- _____. **Presença da Literatura Brasileira: historia e antologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- DALCASTAGNE, Regina. **Revista de Estudos de Literatura brasileira contemporânea: literatura nas margens**. UNB: Brasília, 2004.

_____. **Revista de Estudos de Literatura brasileira contemporânea: literatura e resistência.** UNB. Brasília, 2006.

[FERRÉZ](#): **Cronista de um tempo ruim.** São Paulo: Literatura Marginal, 2009.

_____. **Literatura marginal.** São Paulo: Agir, 2005.

_____. [Ninguém é Inocente em São Paulo.](#) Objetiva, 2006.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade.** 2° ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

CURY, Zilda Ferreira; WALTY, Ivete Lara Camargos. **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações/** Maria Zilda Ferreira Cury, Ivete Lara Camargos Walty -org. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.